



NO RASTO DA DEVOÇÃO

ESCULTURA EM PEDRA
NO CONVENTO DE CRISTO

SÉCULOS XIV-XVI

NO RASTO DA DEVOÇÃO

ESCULTURA EM PEDRA
NO CONVENTO DE CRISTO
SÉCULOS XIV-XVI

EXPOSIÇÃO

Coordenação

Andreia Galvão

Comissão Científica

Maria de Lurdes Craveiro

Carla Alexandra Gonçalves

Joana Antunes

Colaboração Científica

Conservação e Restauro

Fernando Costa

Colaboração

Alexandra Duarte

Catarina Cunha

Marco Rocha

Nuno Pereira

Leonor Bastos

Vera Silva

Rosa Vieira

Estudo Analítico de

Policromias e Suportes

António Candeias

Colaboração

Ana Margarida Cardoso

Sara Valadas

Ana Machado

José Carlos Frade

Apoio técnico

Amélia Casanova

Rui Ferreira

Elisabete Gameiro

Secretariado

Helena Costa

Miguel Caetano

Natália Matos

Montagem

Rui Ferreira

Paulo Henrique

Elisabete Gameiro

Tradução

Joana Antunes

Vídeo

Marta Simões

Beatriz Loureiro

Divulgação

Rui Ferreira

Projeto gráfico

e museográfico

José Dias - Design, Lda.

Produção gráfica

PortoDesign, Lda.

Construção

Barata e Santos, Lda.

Iluminação

Efeito Especial

Transportes de

Bens Culturais

RN Trans - Grupo Urbanos

Seguros

Lusitania Seguros, S.A.

Mecenas Institucional da

Direção Geral do Património

Cultural

CATÁLOGO

Edição

Imprimatur

Coordenação científica

Maria de Lurdes Craveiro

Joana Antunes

Carla Alexandra Gonçalves

Coordenação editorial

Sandra Costa Saldanha

Autores

Ana F. Machado

Ana M. Cardoso

António Candeias

Carla Alexandra

Gonçalves

Carlos A. Moreira Azevedo

Catarina Cunha

Dalila Rodrigues

Fernando Costa

Francisco Pato de Macedo

Joana Antunes

Joana Ramôa Melo

José C. Frade

Madalena Cardoso da Costa

Marco Rocha

Maria de Lurdes Craveiro

Maria João Vilhena de

Carvalho

Maria José Goulão

Mário Jorge Barroca

Nuno Pereira

Pedro Ferrão

Sara Valadas

Fotografia

Amoroso Lopes

Carlos Monteiro

José Paulo Ruas

José Pessoa

Carlos Monteiro

José Rúbio

Luísa Oliveira

Pedro Alexandrino

(DGPC/ADF)

Gonçalo Figueiredo

(IPT)

Sandra Nunes

(MAV/SJ)

João Nunes da Silva

(MDS)

Daniel Godinho

(MSR)

Miguel Cardoso

Nuno Saldanha

(SNBCI)

Joana Antunes

Marta Simões

(CEAAC/UC)

Bernardo Amaral

Jorge Adolfo Marques

Lieve De Boeck

Pedro Medeiros

Design e composição

PHDesign

ISBN

978-989-99967-3-1

Depósito legal

437309/18

ABREVIATURAS DE NOMES

CAG - Carla Alexandra Gonçalves; **JA** - Joana Antunes; **MCC** - Madalena Cardoso da Costa
MJVC - Maria João Vilhena de Carvalho; **MLC** - Maria de Lurdes Craveiro; **PF** - Pedro Ferrão

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

Universidade de Coimbra - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP/UC); Convento de Cristo (CC/DGPC); Instituto Politécnico de Tomar (IPT); Laboratório HERCULES e Infraestrutura ERIHS.pt, Universidade de Évora; Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja (SNBCI); Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA/DGPC); Museu Nacional Machado de Castro (MNMC/DGPC); Museu de Aveiro/Santa Joana; Município de Aveiro; Museu da Comunidade Concelhia da Batalha; Município da Batalha; Mosteiro da Batalha; Museu Municipal Santos Rocha; Município da Figueira da Foz; Museu Diocesano de Santarém (MDS); Vigararia de Tomar.

AGRADECIMENTOS

Museu Nacional de Arte Antiga

António Filipe Pimentel, *Diretor*

Ana Kol, Maria João Vilhena de Carvalho, Miguel Soromenho

Museu Nacional de Machado de Castro

Ana Alcoforado, *Diretora*

Pedro Ferrão

Museu Santos Rocha da Figueira da Foz

João Ataíde, *Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz*

Ana Margarida Perrolas (CMFF); Manuela Silva (MSR)

Museu de Aveiro/Santa Joana

José Agostinho Ribau Esteves, *Presidente da Câmara Municipal de Aveiro*

Luís Miguel Capão Filipe, *Vereador da Cultura Câmara Municipal de Aveiro*

José António Rebocho Christo, *Diretor*

Madalena Cardoso da Costa

Museu Diocesano de Santarém

Rev. Pe. Joaquim Ganhão, *Diretor*

Eva Raquel Neves, Alexandra Xisto

Museu da Comunidade Concelhia da Batalha

Paulo Batista dos Santos, *Presidente da Câmara Municipal da Batalha*

Liliana Moniz, *Vereadora da Cultura Câmara Municipal da Batalha*

Cíntia Silva, *ex-Vereadora da Cultura Câmara Municipal da Batalha*

Ana Moderno (MCCB)

Mosteiro da Batalha

Joaquim Ruivo, *Diretor*

Pedro Redol

Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

Sandra Costa Saldanha, *Diretora*

Rui Almeida

Vigararia de Tomar

Rev. Pe. Mário Farinha Duarte; Rev. Pe. Leopoldo de Sousa Gonçalves, *Paróquia de Carregueiros e Pedreira*

Instituto Politécnico de Tomar

Eugénio de Almeida, *Presidente*

João Coroado, *Vice-Presidente*

Direção-Geral do Património Cultural

Divisão de Planeamento, Gestão, Controlo, Recursos Financeiros e Património

Manuel Diogo, *Diretor*

Gonçalo Corceiro

Arquivo Documentação Fotográfica

Alexandra Encarnação, *Coordenadora*

Lusitania Seguros, S.A.

Tiago Serra

Índice

APRESENTAÇÃO	
Andreia Bianchi Ayres de Carvalho Galvão	9
INTRODUÇÃO	
Maria de Lurdes Craveiro, Joana Antunes, Carla Alexandra Gonçalves	11
I. A PROTEÇÃO PATRIMONIAL NO CONVENTO DE CRISTO	
Maria de Lurdes Craveiro	19
II. O HABITAT DA ESCULTURA	
Joana Antunes	31
III. A FORMAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCULTÓRICO	
Carla Alexandra Gonçalves	45
IV. ESCULTURA DEVOCIONAL: DA OFICINA DE MESTRE PERO AO ESTALEIRO DA BATALHA	
Francisco Pato de Macedo	57
V. A GRANDE OFICINA: ENTRE COIMBRA E TOMAR	
1. O SÉCULO XV: OFICINAS E PODER NOS CIRCUITOS DA IMAGEM	
Joana Antunes	69
2. O SÉCULO XVI: HUMANISMO, DESCOBERTA E ESPIRITUALIDADE	
Maria de Lurdes Craveiro	85
2.1. João de Ruão	
Carla Alexandra Gonçalves	93
3. IMAGENS INVISÍVEIS E MUNDO SENSÍVEL: FUNÇÃO E REPRESENTAÇÃO NA PINTURA E NA ESCULTURA PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XV E XVI	
Dalila Rodrigues	103

3.1. Anjo Ceroferário Joana Antunes	115
3.2. A Virgem do Leite Carla Alexandra Gonçalves	120
3.3. Calvário Joana Ramôa Melo	125
3.4. Santíssima Trindade Carlos A. Moreira Azevedo	129
3.5. S. Brás Maria José Goulão	133
3.6. Arcanjo S. Miguel Mário Jorge Barroca	137
3.7. Outras devoções: S. Sebastião, S. Roque e S. Vicente Carlos A. Moreira Azevedo	141

VI. INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

1. NO RASTO DA DEVOÇÃO: INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO Fernando Costa, Catarina Cunha, Nuno Pereira, Marco Rocha	149
2. NO RASTO DO ORIGINAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO MATERIAL E TÉCNICO DE ESCULTURA POLÍCROMA Ana M. Cardoso, Ana F. Machado, António Candeias, José C. Frade, Sara Valadas	155

VII. CATÁLOGO

167

BIBLIOGRAFIA	245
--------------	-----

3.5. S. Brás

Maria José Goulão

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto / CEAACP

Ó glorioso S. Brás/ Santo da minha afeição/
Pede a Deus, que tanto faz/ Que anime o meu coração./
Foste mártir, foste Bispo/ Perseguido pela fé/
Para mim já basta isto/ Para me manter de pé.(...)/
Vão-se meus dias na dor,/ Minha garganta adoeceu./
Pede ao nosso Salvador/ A graça vinda do céu.

Oração a S. Brás

S. Brás de Sebaste é um mártir de origem arménia, festejado a Ocidente no dia 3 de fevereiro. Tendo sido um dos santos mais populares de toda a Idade Média, o seu culto obteve uma enorme projeção em Portugal nos séculos XIV e XV, atestado inclusivamente pela presença na antroponímia portuguesa das variantes do seu nome: Brás, Braz ou ainda Vasco, como no caso do navegador Vasco da Gama, que recebeu na pia de baptismo a invocação deste santo.

Com o passar dos séculos, a vida de S. Brás foi completamente reformulada pela lenda, pouco se sabendo com rigor sobre a sua biografia. Embora todos os detalhes da sua vida e martírio sejam pura invenção e não tenham qualquer rigor histórico, o certo é que podemos aceitar como verídica a base da sua história: S. Brás foi um jovem de conduta exemplar, mais tarde nomeado bispo, que terá sido martirizado no início do século IV. A referência escrita mais recuada que se encontra sobre este santo remonta aos manuscritos de Aécio de Amida, um escritor e médico da corte bizantina de finais do século V - inícios do século VI, nos quais o seu auxílio é invocado para o tratamento de pessoas asfixiadas com objetos entalados na garganta.

A veneração desta figura sagrada de origem oriental foi introduzida no Ocidente em data recuada, mas não anterior ao século VIII, altura em que se encontram os primeiros testemunhos da sua devoção (Giorgi, 2002: 65). O seu culto expandiu-se a partir da cidade de Roma, disseminando-se pela Europa nos séculos XI e XII. Relatos da sua vida e milagres encontram-se nos martirológios do século IX, nos sinaxários históricos gregos, e nas diversas recensões latinas da sua lenda (Kirsch, 1907). A lenda da vida de S. Brás é posteriormente adaptada e recontada na *Legenda Aurea*, ou *Lenda Dourada*, de Jacobus de Voragine, publicada no século XIV, enriquecendo-se aqui de múltiplos pormenores, que terão certamente ajudado à forte adesão popular obtida pelo santo.

S. Brás terá nascido em Sebaste, a atual Sivas, uma cidade do centro da Turquia, capital da província homónima, e que integra a região da Anatólia Central. Na altura do nascimento do santo, Sebaste, situada na Ásia Menor, fazia parte do Império Romano. Sendo originário de uma família abastada, consta que S. Brás terá estudado

medicina, que chegou a exercer. No entanto, a profissão de médico que se lhe atribui terá provavelmente origem na sua reputação de santo taumaturgo e curador de doenças do corpo e da alma.

Seguindo uma prática bastante frequente na época entre cristãos das regiões orientais do Império, S. Brás decide a certa altura optar pela *fuga mundi*, adotando uma vida contemplativa de eremita. Cedo adquire uma aura de santidade, devido aos seus múltiplos milagres: segundo a lenda, homens e animais doentes acodem a consultá-lo, curando-os ele com um simples gesto de benção. A comunidade cristã de Sebaste, conhecedora da fama do santo, decide escolhê-lo para ocupar a sede episcopal, em reconhecimento da sua vida exemplar; Brás aceita com muita relutância este cargo e honrarias, preferindo, todavia, continuar a morar na sua cova, no monte Argeu. Torna-se assim um bispo-anacoreta, com uma especial ligação aos mais desfavorecidos, pobres e doentes, e a sua fama de taumaturgo aumenta com o passar do tempo.

Nesta altura, a governação do Império Romano encontrava-se dividida entre os imperadores Licínio, a Oriente, e Constantino a Ocidente. Agrícola, o governador que dirigia os destinos da Capadócia e da Arménia Menor, em nome do imperador Licínio, desencadeou uma perseguição aos cristãos. Brás encontrava-se nas montanhas, na sua gruta, onde os animais ferozes acorriam a fazer-lhe companhia, e servia-se dos seus dotes milagrosos para curar os que encontrava feridos ou doentes. Quando os caçadores do governador da Capadócia se dedicavam a apresar nos bosques bestas selvagens para os jogos imperiais, onde os cristãos eram devorados, encontram à entrada da gruta do santo uma grande quantidade de ursos, leões e tigres, que esperavam pacientemente que S. Brás terminasse as suas orações para o consultar. Este é assim descoberto, feito prisioneiro e trazido como troféu à presença de Agrícola. É interrogado, severamente flagelado, e levado para as masmorras, onde continua a fazer milagres através da pequena abertura da sua cela. Consegue com as suas preces soltar da garganta de uma criança que estava em riscos de morrer asfixiada a espinha de peixe que a sufocava; para esse efeito, segundo algumas variantes da lenda, o santo tomou os dois círios acesos que a mãe da criança lhe oferecera como ex-voto na festa da Candelária e dispôs-os em forma de cruz de Santo André, com eles tocando a garganta do paciente, que se curou de imediato. Consegue ainda, com a sua intervenção milagrosa, devolver a uma pobre viúva um porco, que era o seu único bem, e que lhe havia sido arrebatado por um lobo; em agradecimento, a mulher levava-lhe a cabeça e os pés assados do porco à sua masmorra, para que os comesse, ou, noutra versão da história, um círio feito com o sebo do animal.

Finalmente, o governador ordena que Brás seja submerso num tanque, mas o santo não só não se afoga como consegue a proeza de caminhar sobre as águas; os pagãos que tentam fazer o mesmo afogam-se todos. Um anjo pede então a Brás que regresse à terra e sofra ali o martírio, ao que o santo obedece. Face à sua recusa em sacrificar às divindades pagãs imperiais, é martirizado no ano de 316: os verdugos suspendem-no num poste com roldana e laceram-lhe o corpo com pentes de ferro (*pectinibus ferreis*) ou ancinhos, semelhantes aos que se empregam para cardar as fibras têxteis. Terá sido de seguida decapitado (Silva, 2012: 35-36; Duchet-Suchaux e Pastoureau, 2009: 94-95).

A iconografia de S. Brás está relacionada com as histórias da sua vida e milagres. Na escultura tardo-medieval portuguesa, é normalmente representado envergando as vestes episcopais e uma mitra curta (muito embora fosse bispo da Igreja Oriental), fazendo com uma das mãos o gesto do ensinamento ou de ordem, com dois dedos em vez de um, como acontece por vezes com os bispos (Macedo, 2009: 183), ou empunhando o báculo episcopal ou, mais raramente, a palma do martírio. Tem frequentemente ajoelhada a seus pés, ou em posição ereta ao seu lado, a criança que libertou da morte por asfixia, que junta as mãos em súplica, e cujo pescoço o santo



São Brás, Inicial G,
Mestre desconhecido,
1450-1460
 Los Angeles, The J.
 Paul Getty Museum
 © Domínio público

toca em gesto de cura, ou em cuja garanta introduz a mão salvadora para a libertar da espinha que a sufocava. Quando representado em pinturas ou relevos, pode ainda surgir com vestes episcopais, rodeado de animais selvagens, em alusão à sua vida de eremita, ou acompanhado de um lobo e de um porco, apresentando, como atributo, um círio ou tocha, ou duas velas acesas cruzadas, ou ainda o rastelo ou cardas de ferro com que foi martirizado. Em Espanha é representado com a mão sobre a garganta, e na Alemanha com a sua trompa ou corno de caça, o *Blasiushorn*, ou *Cornu sancti Blasii*, relíquia que se conserva em Braunschweig. Em território europeu, a lenda de S. Brás foi representada frequentemente sob a forma de um ciclo narrativo, cujos episódios mais correntes são: S. Brás domesticando os animais selvagens; a cura milagrosa da criança sufocada pela espinha de peixe; a devolução do porco à pobre anciã; o martírio do santo, esfacelado pelas cardas de ferro, ou decapitado (Tavares, 1990: 34; Duchet-Suchaux; Pastoureau, 2009: 96).

Embora de origem oriental, S. Brás foi um dos santos mais populares do Ocidente, encontrando-se relíquias suas em abundância, sem dúvida procedentes, na sua maioria, de homónimos seus. É, além do mais, um dos grandes santos taumaturgos, integrando o grupo dos Catorze Santos Auxiliares, intercessores eficazes contra as mais diversas doenças, o que muito contribuiu para aumentar a sua popularidade. Esta devoção, em que os santos aparecem em conjunto, dada a simbologia dos números na Idade Média e a crença de que agrupados teriam mais poder, surge na Renânia, no sul da atual Alemanha, no primeiro quartel do século XV, e relaciona-se com o contexto da peste negra e com os conflitos armados que afligiam os crentes (Réau, 1997: 230; Duchet-Suchaux e Pastoureau, 2009: 110).

Encontram-se no espaço europeu vários locais de peregrinação dedicados a S. Brás. Em França, os cluniacenses colocaram sob a sua invocação uma capela do priorado de Berzé-la-Ville, no Mâconnais. Relíquias do seu crânio conservavam-se em Montpellier. A cidade de Pézenas, no Languedoc, onde floresciam as manufaturas têxteis, adoptou como patrono S. Brás, porque havia sido martirizado com os pentes de cardar. Em Nézel (Seine-et-Oise), perto de Paris, o santo tem um local de peregrinação em seu nome. Na Alemanha, é o padroeiro da catedral de Braunschweig e da Casa dos Guelfos, bem como do convento de S. Brás, na Floresta Negra, que foi reconstruído no século XVIII. É ainda o patrono da ordem arménia de S. Brás, e da cidade de Dubrovnik, na Croácia - em tempos a República independente de Ragusa, na antiga Dalmácia - , que em 1170 se colocou sob a proteção do santo e lhe consagrou a catedral. Nesta cidade, as relíquias de S. Brás (a sua cabeça, um fragmento do osso da sua garganta, a mão direita e uma das suas tíbias) são veneradas em procissão no dia 3 de fevereiro.

Em Inglaterra, nos séculos XVIII e XIX, S. Brás foi adotado como patrono dos trabalhadores da indústria da lã, e era particularmente venerado no principal centro desta atividade, no Yorkshire, onde se acreditava que tinha sido ele o inventor do pente de cardar, dada a similitude das cardas com o instrumento de tortura que lhe

está associado. Em Bradford também se celebrava uma festa em sua honra, e era considerado o padroeiro dos cardadores de lã em particular, e do comércio e manufatura da lã em geral. Em Itália, em Milão e em Nápoles, os habitantes gabavam-se de ter em seu poder fragmentos de relíquias do santo. A igreja de S. Biagio, em Vicenza, estava-lhe igualmente consagrada.

Os canteiros recomendam-se de igual modo à sua proteção, dada a analogia entre as unhas de ferro que rasgaram a carne do santo e o escopro metálico dentado que lhes serve para desbastar os blocos de pedra. Os guardadores de porcos consideram-no igualmente o seu patrono. Na Alemanha, devido a um jogo de palavras acerca de *Blasius* (Brás, em alemão), que evoca o verbo "soprar" (*blasen*), é ainda o protetor dos tocadores de cornos de caça ou de instrumentos de sopro, e dos guardas-noturnos, sendo igualmente invocado para proteger das tempestades, dos vendavais e dos furacões. Pela mesma razão, protegia os moleiros que tinham moinhos de vento. Rezava-se também a S. Brás contra as afecções da bexiga, que em alemão se designa por *Blase* (Réau, 1997: 230-231; Duchet-Suchaux e Pastoureau, 2009: 95).

Em Portugal existem disseminadas pelo território continental e insular várias igrejas, capelas e ermidas dedicadas a S. Brás, sendo a mais conhecida a ermida de S. Brás de Évora, uma construção de finais do século XV, erguida como ex-voto pela proteção do santo aquando da epidemia de peste que assolou o país em 1479-80. Também nos Açores, na ilha Terceira, existe uma igreja paroquial de S. Brás (Praia da Vitória), iniciada no século XV. A igreja matriz da Chamusca é um templo manuelino igualmente dedicado a este santo, assim como a capela que tem o seu orago, fundada em 1571, na igreja matriz de Oliveira do Hospital. Junto a Coimbra, na Ega (Condeixa-a-Nova), realiza-se a feira de S. Brás, cuja origem remonta ao reinado de D. Dinis. Valpaços, Ferreira do Zêzere, Nazaré e Serpins têm também mercados e romarias a ele dedicados, cujas origens se perdem nos tempos.

S. Brás é o santo protetor por excelência contra as enfermidades da garganta, em alusão ao milagre da criança salva de morrer asfixiada: é invocado contra a tosse simples, os soluços, a tosse convulsa e a papeira, bem como contra o garrotinho ou a difteria. Era-lhe atribuída a capacidade de livrar os enfermos *ab omni morbo gutturis*. A 3 de fevereiro, dia da sua festa, o sacerdote dava a "benção de S. Brás", que consistia em benzer o pescoço dos fiéis, acompanhando este gesto de uma invocação do nome do santo taumaturgo. Em certas dioceses, a festa de S. Brás confundia-se com a da Candelária, que se comemora no dia anterior, a 2 de fevereiro. Neste caso, era costume aplicar-se sobre a garganta dos enfermos dois círios acesos colocados em posição de cruz, previamente benzidos pelo sacerdote durante as festividades da Apresentação do Senhor, ou de Nossa Senhora da Candelária, que haviam decorrido na véspera. Outro remédio consistia em atar uma faixa vermelha da cor do sangue, previamente ensopada em água benta, à volta do pescoço do paciente (Réau, 1997: 230-231).

Devido à história dos seus milagres e martírio, S. Brás é ainda o padroeiro dos animais domésticos, dos cavalos, dos alfaiates e agricultores, de outros mesteres como carpinteiros, chapeleiros, colchoeiros, construtores, curtidores de peles, engessadores, estofadores, médicos, músicos, padeiros, pedreiros, sapateiros e, como já mencionado, das profissões relacionadas com a manufatura e o comércio têxtil: cardadores, tecelões e comerciantes de lã. Acredita-se que este santo tem a capacidade de proteger contra os animais ferozes, as hemorragias, as úlceras e as doenças da vesícula, as dores de dentes e os cálculos renais, sendo ainda invocado para se conseguir uma boa confissão (Silva, 2012: 35-36, 240).

Estes seus dotes explicam o tenaz enraizamento do seu culto na devoção popular e asseguram-lhe presença frequente na iconografia artística portuguesa de finais da Idade Média.